

## **Gatilhos afetivos do discurso e a compra e venda de estímulos semióticos no Twitter**

### *Affective triggers of discourse and the buying and selling of semiotic stimuli on Twitter*

Gleiton Matheus Bonfante

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

**Resumo:** Da reflexão acerca de uma ferramenta analítica prática para analistas do discurso interessados em afeto, surgiu o *gatilho afetivo do discurso*. Esse artigo, por sua vez, surge da necessidade de explicar e expandir o conceito *gatilho afetivo* proposto em Bonfante (2018), assim como localizar esse instrumental analítico dentro da indexicalidade. Para ilustrar a operacionalização do conceito em uma análise, o artigo se lança à observação das performances online dos *cash master* e *cash slave*, prática sexual pública no Twitter intermediada pela plataforma e pela linguagem. O artigo também fornece exemplos do que se faz com a linguagem em contextos sensuais na sociedade de plataforma. Entre as conclusões, está a sugestão de que estudos afetivos da linguagem online podem lucrar eticamente de uma crítica ao neoliberalismo.

**Palavras-chave:** Gatilhos afetivos do discurso; Indexicalidade, Linguística Aplicada Indisciplinar; Cash Master e Cash Slave; Pragmática

**Abstract:** From the reflection on a practical analytical tool for discourse analysts interested in affect, the affective trigger of discourse emerged. This article, in turn, arises from the need to explain and expand the affective trigger concept proposed in Bonfante (2018), as well as locating this analytical tool within indexicality. To illustrate the operationalization of the concept in an analysis, the article focuses on the observation of the online performance of the *cash masters* and *cash slaves*, a public sexual practice on Twitter mediated by the platform and language. The article also provides examples of what is done with language in sensual contexts in platform society. Among the conclusions is the suggestion that affective studies of online language can profit ethically from a critique of neoliberalism.

**Keywords:** Affective triggers of discourse; Indexicality; Indisciplinary Applied Linguistics; Cash Master and Cash Slave; Pragmatics



## 1 Introdução

O interesse pelo sexo textual e semiótico nesse artigo ilustra a relação entre afeto e discurso: o próprio corpo, assumindo o ato de fala como ‘corporificado’ (FELMAN, 1983). Nessa tríade entre afeto, linguagem e corpo, desenvolvo uma análise que se volta para uma indexicalidade afetiva, uma indexicalidade que aponta para o corpo, para suas sensações e emoções. Assim, interrogamos como o afeto é performado em atos de fala (AUSTIN, 1990) que falam-fazem sexo na plataforma Twitter. Para tanto, analisaremos os dados preliminares de uma etnografia de pós-doutorado, intitulada *Práticas discursivas na economia libidinal das plataformas*. Os dados consistem em impressões de tela de posts abertos do Twitter, e seus comentários, assim como notas do caderno de campo.

Não apenas sexo é público (BERLANT; WARNER, 2013) como algumas práticas sexuais dependem de sua publicidade para serem performadas efetivamente; o ver-saber das práticas sexuais é certamente um aspecto da sexualidade celebrado na pornografia amadora (BALTAR, 2013), ou, como prefiro, nas performances íntimo-espetaculares de si. O “design sexual” (PRECIADO, 2010) parece se tornar, cada vez mais, prática de si corriqueira na contemporaneidade íntimo-espetacular. Os paradigmas da observação e da vigilância pós-panóptica imbuídos às práticas sexuais parecem terem-se intensificado desde o início da pandemia de Covid-19, aguçando o tesão pela imagem virtual e pela produção virtual de conteúdo íntimo, atitudes típicas de nossa época. O sexo feito pela tela passou a ser pensado como uma alternativa segura, inclusive sendo promovido por agências internacionais<sup>1</sup> de saúde, e proliferando pelas mais diversas plataformas como o Twitter, onde o sexo é feito com textos – frequentemente públicos. Com textos de si, que descrevem desejos, performam práticas sexuais e, assim, constroem corpos textualmente. Com textos que indexalizam – apontam para – outros sentidos. A associação entre indexicalidade e os gestos de apontar, mostrar, indicar são frequentes, pois a função dêitica é a faceta da linguagem onde a indexicalidade pulsa mais aparente. Que mantenham em mente os leitores mais pudicos que a prática de intercâmbio de textos

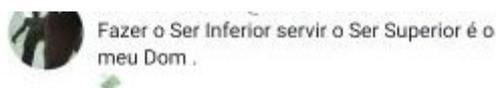
---

<sup>1</sup> Entre outros órgãos governamentais, a prefeitura de Nova York preparou material informativo sobre saúde sexual em tempos de Covid-19. No documento, eles propõem que “sexo virtual pode ser uma alternativa segura durante a pandemia”.

sensuais, antes de ser “um sintoma de uma sociedade exibicionista, se configura como prática sexual legítima” (RACE, 2018), sobretudo no Twitter.

Ao contrário das redes sociais que censuram a nudez, o Twitter permite o compartilhamento livre<sup>2</sup> de performances que mobilizam a intimidade dos corpos de forma espetacular. Portanto, tem se tornado um lócus para consumo de performances íntimo-espetaculares. Se é verdade que plataformas e suas funções possibilitam uma variedade de padrões comunicativos e discursos intervindo assim nas interações entre usuários (EISENLAUER, 2014), então a plataforma Twitter e as possibilidades que oferece agem como um autor que direciona e influencia as performances desejantes mobilizadas ali. Entre as performances ensaiadas no Twitter, discuto aqui as do *cash master* (mestre de dinheiro) e do *cash slave* (escravo de dinheiro), cujas relações sexuais se apoiam na performance pública do seu prazer em “tomar, drenar” o dinheiro dos “trouxas”, no caso dos mestres, ou de ter seu dinheiro “tomado, drenado” pelo mestre, no caso dos escravos. Nessas relações sexuais, a transferência de dinheiro de uma conta para outra em troca de insultos, maus-tratos públicos, fotos e vídeos privados e exclusivos estão na base da prática sexual em ausência. Como ilustração inicial do campo e do vocabulário nativo, apresento Mestre Pantera<sup>3</sup>, um *cash master* cuja conta no Twitter possui quatro mil seguidores. Em seu post (excerto 1), ele explica sua habilidade:

Excerto 1:



Aqui, a letra maiúscula para marcar Ser Inferior/ Ser Superior e Dom é um gatilho afetivo com efeitos estilísticos interessantes: além da própria ênfase na semântica da superioridade/inferioridade, o vocabulário servir, Dom, Ser Superior indexicalizam uma semântica religiosa performando a habilidade de submeter como um presente divino, ou dom. As ênfases e relações que os signos fundam contextualmente e que vão saturar o sentido do texto, chamo de indexicalidade: “um componente do significado das formas sógnicas” (SILVERSTEIN, 2009, p.756), já que significado não jaz no signo, mas nas

---

<sup>2</sup> Com exceção da foto de perfil, que pode ser denunciada caso performe conteúdo obsceno.

<sup>3</sup> Todos os nomes e @ são fictícios para proteger as contas dos internautas.

suas relações semânticas forjadas contextualmente. Assim, o *emoticon* de maço de dinheiro alado vem interagir com a semântica da superioridade/inferioridade articulando a transferência de dinheiro à prática sexual. Essa relação hierárquica entre o Ser Superior (também, *Mestre, Senhor, Rei*) e o Ser Inferior (também *trouxa, escravo, súdito*) parte de uma *troca de capital*, na medida em que o *Inferior* possui capital, cuja transferência para o *Superior* é o ápice da relação sexual. A sexualização da troca econômica ratifica que ‘o sexo se mediatizou através da prática do consumo’ (DOMINGUEZ, 2009, p.67). Contudo, a inversão hierárquica (*Master* possui menos capital que *slave*) que se desidentifica com a ordem neoliberal de valoração subjetiva pelo poder de consumo, ataca através de uma prática discursivo-sexual a organização capital da vida social em termos neoliberais.

Discorro, em seguida, sobre duas ferramentas práticas para a análise corporificada das disposições afetivas nas performances semióticas do desejo como as relações *cash master/cash slave*: indexicalidade (SILVERSTEIN, 2009; HANK, 1999) e os gatilhos afetivos do discurso (BONFANTE, 2018), um tipo especial de indexicalidade.

## 2 Indexicalidade como prática afetiva corporificada

“A indexicalidade é um traço universal das linguagens humanas” (HANKS, 2000, p. 125), um vínculo virtual que estabelece, em cada novo contexto performativo, as relações semânticas entre signos, fazendo emergir o sentido. No entanto, os movimentos indexicais na linguagem não são nem evidentes, nem banais, nem previsíveis, são “implícitos” (BLOMMAERT; SILVA, 2020; s.p.). Por isso, entender as associações indexicais entre signos nos ajuda a compreender práticas sociais e os sentidos que delas emergem, sugerindo contiguidades semânticas específicas a cada contexto social. Em entrevista a Silva, Blommaert (2020) descreve indexicalidade como o ‘implícito das trocas comunicacionais’, advertindo-nos de que “frequentemente reduzimos linguagem ao que é explícito como estruturas gramaticais e morfossintáticas” (BLOMMAERT; SILVA, 2020; s.p.), muito embora o implícito – ou significado indexical – inclua uma variedade inestimável de relações significantes que ativamente performam e constroem a vida e a morte social. Pensar a indexicalidade da linguagem é um trabalho de desvelar um *iceberg*, pois o implícito, ou conhecimento indexical é maior do que está explícito.

Indexicalizar é um potencial relacional de qualquer signo, pois as relações implícitas – que Blommaert (2020) define como indexicalidade – são vínculos semânticos estabelecidos em atos de fala que ajudam a saturar o significado dos recursos semióticos contextualmente. Nas palavras de Peirce (1955) ‘um signo indexical está em relação de dinâmica coexistência com o seu objeto’. Peirce foi o pioneiro a discutir essa relação<sup>4</sup> dinâmica de coexistência entre signos, porém o conceito de indexicalidade proposto por Peirce foi expandido por Benveniste e Jakobson para além da referência dêitica “para recobrir o caráter essencialmente contexto-dependente e contexto-impregnado de toda comunicação linguística” (SILVERSTEIN, 2009, p. 757). Baseando-se na relevância da co-ocorrência de signo e objeto para significação dos índices, o próprio Silverstein expandiu a noção de indexicalidade de Peirce, atribuindo-a aos processos de significação da linguagem. Em concordância com Silverstein, Hanks (1999) sugere que a indexicalidade faz referência à “dependência contextual de qualquer enunciação” (HANKS, 1999, p. 124), pois o índice e aquilo para que ele aponta estão co-presentes no contexto do ato de fala e possuem alguma relação semântica inventada ou inerente<sup>5</sup>. Aquilo a que os índices se referem são as próprias relações entre objetos do discurso e seu contexto discursivo. Assim, as relações indexicais forjadas *in situ* “são cruciais para inferência contextual, reflexividade e interpretação semântica de forma geral” (HANKS, 1999, p. 125).

Embora haja várias formas de conceitualizar o fenômeno da indexicalidade, elejo aqui a que Silverstein (2009), inspirado pela performatividade da linguagem, chama de *indexicalidade criativa*, referindo-se à dimensão da indexicalidade que considera a “efetividade performativa das mensagens ao provocar consequências intersubjetivas no contexto em que comunicam” (SILVERSTEIN, 2009, p. 756). Ora, *sexo virtual dos cash master e slave* no Twitter depende necessariamente das consequências intersubjetivas de processos dinâmicos de indexicalidade. Em consonância, Bucholz e Hall propõem que “a indexicalidade, ou a produção de significado contextualizada, surge do envolvimento corpóreo com o mundo” (2016, p.178). Indexicalizar, ou estabelecer relação entre signos

---

<sup>4</sup> Quanto às relações entre signos e objetos (os referentes da significação), Peirce classificou os signos como ícone (relações de parença e semelhança entre signos), índice (relações de contiguidade espaço-temporal, causal etc. com o objeto a quem ele aponta) e símbolo (sentidos implícitos evocado pelo uso do signo).

<sup>5</sup> Mesmo relações sinônimas inerentes também são relações indexicais forjadas no discurso.

---

e valores sociais, é um ato de fala no qual o corpo é central, pois a indexicalidade é criativa do corpo, mas também é oriunda dele, como explicam Bucholtz e Hall:

A pesquisa linguístico-antropológica sobre processos dêiticos culturalmente e contextualmente específicos conceitua dêixis espaciais como prática interacional situada (...). Essa linha de pensamento posiciona o corpo como a origem da indexicalidade, o centro dêítico, em torno do qual as relações sociais e o espaço cultural são trazidos para o jogo interacional (...) (2016, pp.184-185).

A indexação centrada no corpo também sugere que o corpo é um contexto a ser considerado na investigação da produção de significados discursivos. Afetos, por serem significativos (WHETERELL, 2013), também são apreendidos nas associações criativas que indexalizam. São as relações indexicais entre sensações, afetos, emoções e signos que trazem o afeto à existência, que o performam, que dele falam. Afeto é oriundo das relações semânticas indexicais. O gatilho afetivo é uma relação indexical forjada contextualmente entre um – ou mais, já que os próprios limites entre afetos são discursivamente performados (AHMED, 2014) – afeto, emoção, sensação e um (ou mais) signo. Se afeto é contextualmente criado e discursivamente construído em cada interação, investigar gatilhos afetivos na linguagem significa entender contextualmente quais signos provocam efeitos perlocucionários nos corpos. Vejamos mais detalhadamente.

### **3 Gatilhos afetivos do Discurso**

Gatilhos afetivos moldam o corpo, enquanto o expressam, o performam. Eles são signos ou fatos linguísticos que interagem com corpos, alteram positiva ou negativamente seu potencial de ação. Os gatilhos afetivos são relações indexicais que nos movem, nos afetam. As linguagens são a pele do afeto. São nelas que o afeto se mostra para o observador. Suas tatuagens, rugas, sorrisos são os gatilhos afetivos da linguagem. Esse conceito, inspirado pela linguagem-ação em Austin (1990[1962]), e pela afetabilidade humana em Espinosa (2009[1677]), se refere aos elementos linguístico-discursivos-semióticos que indexalizam e performam afecções corporais, desejos, sensações e ideias afetivas. Os gatilhos são simultaneamente a performance (no sentido de comunicação) dos afetos e possíveis estopins para outros afetos, já que ao performar um afeto, podemos produzir outros afetos inesperados. Tratar um signo indexical como gatilho afetivo não

significa obliterar seus percursos significantes nem adicionar uma perspectiva emotiva ao significado, mas entender que o afeto é componente central da linguagem e deve ser considerado nas análises do sentido. Os gatilhos afetivos do discurso não são feitos a observar onde na língua o afeto habita, pois, esse interesse científico respaldaria uma perspectiva de língua não-performativa, uma em que a linguagem seria um instrumento de tradução simbólica do mundo e transmissão significativa. ‘Essa tradicional visão referencial da linguagem pode ser perturbada através do instrumental da indexicalidade’ (FABRICIO, 2016), que abrange os gatilhos. Ademais, afeto é potencialmente inerente a todas as construções linguísticas, pois a ‘performatividade’ é reconhecida como “uma propriedade ou aspecto comum a **todos** os enunciados” (SEGDWICK, 2003, p.4, minha ênfase). Como asseguro, “as afecções corporais poderiam ser desencadeadas por qualquer elemento linguístico, dos morfemas ao discurso” (BONFANTE, 2020, p. 84), embora alguns recursos semióticos possam ser mais explicitamente afetivos que outros como adjetivos, xingamentos, alteração do volume da voz. Certos contextos sociais também podem ser mais ou menos explicitamente afetivos que outros, como a sexualidade, por exemplo. Os gatilhos são o estopim semiótico que faz o afeto se materializar através de uma relação indexical. Portanto, é necessário contextualizá-lo através da investigação da indexicalidade, pois se todos os recursos na linguagem são potencialmente afetivos, se faz necessária uma observação etnográfica para descrever as relações indexicais-afetivas respondendo à questão: *Como afeto se materializa no discurso e como e quais signos indexicalizam o afeto na linguagem em específico contexto?*

Para a observação do afeto durante investigação etnográfica forneci nessa seção um instrumento analítico inspirado na ideia de afeto como encadeado por uma erupção semiótica: *gatilhos afetivos no discurso*. Em seguida, lanço-me à análise dos textos a partir dos gatilhos afetivos.

#### **4 Análise ou sobre *reis, mimos e trouxas***

A análise dos gatilhos afetivos em determinadas práticas sociais se dá através da discussão das indexicalidades afetivas, primeiramente localizando o gatilho do afeto no texto e em seguida explicando a que efeitos físicos ou simbólicos tais erupções afetivas das semioses podem levar, e como essas relações semânticas que implicam em sentimentos produzem

sociedade. A consideração subjetiva do analista na formulação do significado afetivo é determinante, portanto, a cada novo inquérito sobre os gatilhos afetivos do discurso, novos resultados de pesquisa. Nas subseções seguintes, acompanho três textos diferentes, o primeiro é um post de aniversário de um *cash master*, o segundo se refere a um post do mesmo *cash master* sobre “mimos” recebidos pela ocasião. O terceiro texto é o comentário de um usuário do Twitter contra a prática sexual *cash master/cash slave*.

#### 4.1 “Viadinhos, trouxas e companheiros”

*Rei dos Mestres* foi um dos perfis que o algoritmo do Twitter me apresentou. É o perfil de um homem branco, com corpo atlético e barba (o rosto passou a aparecer em 2021). Em seu perfil, se identifica como: “cashmaster, rei alfa, criador de conteúdo fetichista”. Lá ele compartilha sua lista de desejos da Amazon, sugerindo, não apenas, que está aberto a receber presentes, mas que sexo e capital são partes fundantes das identidades contemporâneas. “Se no universo grego ou cristão era a moral, agora é o consumo (de identidade, de sexo) o fundamental para definir o estatuto do sujeito.” (DOMINGUEZ, 2009, p.68). Seguindo Dominguez em adjungir consumo, identidade e sexo, penso as práticas online dos *cash master* e *slave* como práticas de subjetivação. Essa tríade identidade, consumo e sexo são basais nas práticas sociais ensaiadas nos encontros virtuais de *cash master* e *cash slave*. Passei a seguir o Rei dos Mestres com curiosidade etnográfica, pois seus posts humilhavam seus “servos” e “súditos”, porém lhes oferecendo algum tipo de reconhecimento carinhoso. Esses dois gatilhos afetivos (humilhação/carinho) são mobilizados em um post de aniversário do Rei do Mestres, no qual se descrevia “felizão pra caralho” e com esses gatilhos “felizãõ” e “pra caralho” performa a felicidade que experiencia corporalmente, já que tanto o aumentativo como o uso de palavras tabu para expressar ênfase são gatilhos que tocam o corpo do interlocutor. À época do campo, seu tweet tinha recebido pouco mais de 100 likes e tinha sido retwitado/compartilhado 6 vezes. Reproduzo-o aqui:

Excerto 2:

Toda história que passei até chegar aqui, só me faz ter a certeza que a coroa nasceu para ficar na minha cabeça. 👑

Exército de viadinhos e trouxas. Parceiros. E até os curiosos. O reino está em festa!

Vida longa ao Rei! 🙌  
E sim, tô felizao pra caralho e vcs fazem parte disso.

Estilisticamente, a afetividade do texto é performada pela *alegoria de nobreza*, baseada em vocabulário relativo ao regime absolutista, de que são símbolos muito inequívocos a “coroa”, 👑 e as máximas “Vida longa ao Rei!” e “O reino está em festa!”. As metáforas ocupam especial lugar na linguagem-pele deste artigo. Metáforas criam relações semânticas que são afetivas não apenas pelas inusitadas relações indexicais que forjam, mas principalmente porque investem em uma experiência estética, que é altamente afetiva. Ahmed também acredita serem as metáforas e metonímias pontos privilegiados de afetividade já que “figuras de linguagem são cruciais à emocionalidade dos textos” (2014, p. 12).

No primeiro parágrafo do post, eu destaco ainda a narrativa de superação como um gatilho afetivo que move as pessoas e gera engajamento nas plataformas. O reinado é então performado como batalhado, merecido, conquistado, em uma indexicalidade afetiva que reforça seu lugar de pertencimento não por um direito divino, mas pela conquista. Apesar dos sentimentos celebrativos performados, ele também tece gatilhos injuriosos em seu texto. Com “exército de viadinhos e trouxas”, ele humilha seus “súditos” – muito embora atos de fala de humilhação possam levar a efeitos perlocucionários de excitação e prazer para os “trouxas”. Tanto os xingamentos (*trouxa*, *viado*) quanto o diminutivo (*-inho*) foram relatados como acontecimentos linguísticos usados na produção de injúria sissifóbica<sup>6</sup> no contexto dos aplicativos de pegação como *Grindr* (BONFANTE, 2018 p.162). No entanto, notemos o uso da palavra *parceiros*, seguida de ponto final num texto impecavelmente pontuado. Ele se refere aos colaboradores online tanto de mídia como divulgação, mas também aos próprios *trouxas* e *viadinhos*. Ao sugerir que “Vocês são

---

<sup>6</sup> Agressão simbólica contra homens femininos.

parte disso!”, ele inclui *viadinhos*, *trouxas* e até os *curiosos* como razão da felicidade dele, performando gratidão e parceria.

A parceria e companheirismo que o gatilho “parceiros” indexicaliza não se refere à afetividade no sentido romântico, mas ao aspecto carinhoso de suas transações econômicas com *trouxas* e *viadinhos*. Companheirismo, ou ‘Estar à mesa “*cum panis*”’ como explica Haraway (2016) significa dividir o pão. Esse compartilhar do pão está no cerne das relações sexuais *cash slave* e *master*. Tais transações econômico-sexuais sugerem alternativas *queer*, anti-neoliberais, e éticas de distribuição de capital e de comportamento discursivo na sociedade íntimo-espetacular, servindo como exercício reflexivo sobre a cooptação neoliberal e as resistências que se encerram em práticas discursivo-sexuais.

## 4.2 Mimos

O excerto seguinte é exemplo dos diversos posts que Rei dos Mestres fez em seu aniversário. Ele diz se sentir “com tesão” quando recebe “mimos” pelo aplicativo Picpay. Penso as performances de envio de mimos como gatilhos, que, em suas relações indéxico-afetivas, produzem alguns efeitos: primeiramente, o afetavam com excitação sexual. A performance de um gatilho é criativa como a indexicalidade. Ela estabelece novos laços simbólico-afetivos entre um ato de fala contextualizado e um sujeito. O emoticon babando que ele anima pode indexicalizar a água na boca. Na internet, é comumente empregado para performar excitação sexual. No caso, por receber dinheiro. A performance dos mimos também pode despertar em outros “trouxas” ciúmes, ou vontade de enviar mimos e, finalmente, elas atribuem materialidade comprobatória à prática sexual performada.

Excerto 3:

Os mimos começam a chegar 🤪



As transações-práticas-sexuais precisam ser comprovadas. Isso atribui materialidade e realidade ao sexo semiótico, o que aumenta seu potencial afetivo e capital. “O real é uma *commodity* poderosa e prazerosa alcançada e sustentada a partir dos dispositivos tecnológicos e estéticos em ação.” (BALTAR, 2013, p.2). Se concordamos que o real é uma estratégia poderosa, a performance da realidade é um gatilho afetivo. Os gatilhos afetivos excitados nas performances de realidade não apenas afetarão outros corpos, mas também produzem o corpo performado de modo que qualquer existência discursiva “real” é mais afetiva. As performances dos mimos também indexalizam a normalização da interação sexo-social via capital e a moralidade pública da sexualização neoliberal do trabalhador. Ademais, o gatilho da “excitação pelos mimos” produz a subjetividade e sexualidade do mestre como efeito performativo de suas práticas capitais, corroborando com a asserção de que na contemporaneidade “o sujeito é sempre um resultado, é produzido como resíduo ligado ao consumo e à voluptuosidade.” (DOMINGUEZ, 2009, p.67). Atentar para a composição capital da construção subjetiva é outro exercício reflexivo que pode favorecer à uma linguística aplicada mais crítica à sedução neoliberal.

### 4.3 Capital como gatilho afetivo

No Twitter, vejo abundantes pedidos de pix: posts abertos em que se pede aos interlocutores que lhe transfiram dinheiro. Paralelamente, acusações de “vagabundagem” afloram na plataforma com igual retumbância, criticando o post-pix<sup>7</sup>. Em janeiro de 2021, um usuário postou uma foto de uma carteira de trabalho e legendou com: “Tá aqui seu pix!”. O post ultrapassou 100 mil compartilhamentos rapidamente. As acusações de não-trabalho, de vagabundagem e de exploração são numerosas (brandas e agressivas, irônicas e diretas) contra sujeitos que produzem conteúdo erótico online de forma autônoma. Tais acusações indexalizam duas ideologias sobre trabalho: *melancolia* e *alienação*. Porque trabalho é normalmente alienante, atividades laborais prazerosas estão historicamente associadas indexicalmente a formas fáceis, ilícitas ou imorais de ganhar dinheiro, escondendo um desejo das classes dominantes de que a detenção de capital por si, fosse característica sensual, já que “não se pode pagar por sexo de verdade. Isso é troca de

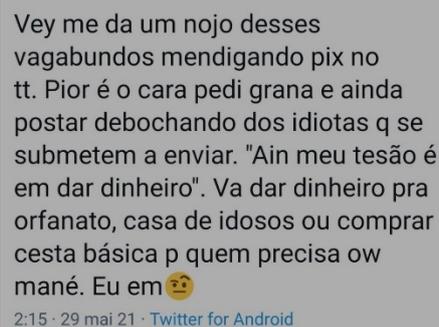
---

<sup>7</sup> Notem que pedidos de pix são entendidos como prática sexual para os *cash master* e *slave*.

energia!” como sugere @condegay um usuário do Twitter, que se define como “feio, porém rico”. Já a melancolia é performada pela incitação ao trabalho (alienante ou não), na era que vislumbra seu fim.

Um ataque à proposta de redistribuição do capital através da venda e compra de estímulos semióticos que ensejam companheirismos capitais, como os mimos notados por rei dos mestres, segue:

Excerto 4:



Vey me da um nojo desses vagabundos mendigando pix no tt. Pior é o cara pedi grana e ainda postar debochando dos idiotas q se submetem a enviar. "Ain meu tesão é em dar dinheiro". Va dar dinheiro pra orfanato, casa de idosos ou comprar cesta básica p quem precisa ow mané. Eu em 🙄

2:15 · 29 mai 21 · Twitter for Android

Em seu perfil com cinco mil seguidores, o autor do tweet se identifica como “Ninfomaniaco! Cheio de qualidades e defeitos...” e usa os emoticons 🍆, 🍑, que indexalizam respectivamente um falo e uma emissão de sêmen. Sua descrição e a foto na qual mobiliza os signos do macho (corpo malhado, branco, peludo, sem cabeça<sup>8</sup>) e do bem-estar econômico (viagens, carro, roupas novas) indexalizam uma performance de “padrão”. A circulação de *boy padrão* nas redes alude ao signo da homonormatividade de que fala Duggan (1998): performance de vida apolítica baseada no consumo, segregação classista e mimese social da heterossexualidade. Na medida em que @eusouoleo21 performa nojo contra a prática de “mendigar pix” ele ajuda a sedimentar uma identificação entre o trabalho online de produzir conteúdo sensual com a prática da mendigagem. A acusação de nojo é um gatilho afetivo poderoso que pode limar o capital erótico de certos corpos e práticas, assim como seu reconhecimento político. Contudo, a performance do nojo também sugere que as mercadorias semióticas vendidas pelos *cash master* não são do campo semântico da produção e venda de produtos, mas se enquadram na caridade ou “estupidez” dos súditos

---

<sup>8</sup> A oclusão da identidade é uma performance de masculinidade hegemônica, pois performa uma recusa em circular por territórios homoafetivos.

e escravos, posicionando os *cash masters* como aproveitadores “debochados”. Vê-se, como as indexicalidades e gatilhos são especialmente criativos do corpo, pois performar emoções sobre um corpo é um jeito efetivo de construí-lo e de sedimentar sentidos sociais sobre ele, já que “o corpo é moldado e remodelado pela língua e pelas ideologias linguísticas que a informam” (BUCHOLZ; HALL, 2016, p.182) em suas relações indexicais. @eusouoleo21 também estabelece ordens de indexicalidade distintas para a distribuição de renda em três passos. Primeiramente, ironiza o fato de que alguém possa sentir prazer sexual em dar dinheiro. Sendo a própria ironia um gatilho afetivo poderoso que guia a interpretação em seu texto. Em seguida, propõe práticas sociais nas quais doação seria aceitável, como “cestas básicas, idosos e orfanato”, moralizando a distribuição de renda pela compra de estímulos sensuais. Se considerarmos com Eagleton (2010) que a etimologia da palavra proletário aponta para um sujeito que não possui nenhuma ferramenta de produção de riqueza a não ser o próprio corpo e a prole, não podemos excluir os *cash masters* e outros produtores de conteúdo íntimo-espetacular do Twitter do grupo do proletariado. Eles passam horas produzindo, editando, postando, compartilhando e trabalhando na circulação de performances corporais. Portanto, há duas dimensões indexicais contraditórias nessa acusação de causar nojo: embora @eusouoleo21 preveja a comoditização da sexualidade e a sexualização da vida e do trabalho, ele anima uma ideologia moral elitista de manutenção de privilégio econômico-sexual.

Aqui, indexicalidade pode ser expandida para um vínculo significativo entre signos semióticos e valores sociais, como a moral. Nota-se a performance de valores moralistas e classistas epitomados pelo incômodo com o fato de “manés e idiotas” “se submeterem a dar dinheiro” a “vagabundos”. A indexicalidade da moral econômica e sexual nesse exemplo chama atenção para a necessidade de, no contexto das práticas afetivas, tecer uma crítica anti-neoliberal a dispositivos ideológicos de manutenção do privilégio econômico, expandindo assim o sujeito digno de receber capital doado pra além dos “mendigos”, “idosos” e “órfãos”. Nascimento (2016), a historiadora que sugere haver mecanismos ideológicos para a manutenção do privilégio econômico das classes dominantes, não estabelece a moral como um deles. No entanto, fica claro através da sugestão de formas moralmente aceitas de gastar o dinheiro, “o nojo” de que a imoralidade do sexo é gatilho. Hierarquias de privilégio econômico são construídas

através de manutenção simbólica de categorias como raça, gênero e classe e de suas relações indéxo-afetivas. Embora o capital seja sagrado e desejável nas mãos das elites, “a moral dominante não se preocupa em estabelecer regras em prol daqueles carentes de poder econômico” (NASCIMENTO, 2016, p.106).

## 5 Conclusões

Pensar a indexicalidade na sua relação com o corpo, por uma perspectiva performativa pode fornecer um instrumental analítico simples e pertinente para analistas do discurso interessados em afeto, nomeadamente os *gatilhos afetivos do discurso*. Linguagem e outras semioses têm se tornado o próprio material a ser comercializado online, em perfis que vendem profecias de afetos sensuais como efeitos perlocucionários de suas performances. Linguagem e habilidades linguísticas específicas como a de afetar sujeitos estimulando-os com textos têm criado na sociedade das plataformas, novos postos de trabalho, por vezes surpreendentes, que são muito afetivos na nossa sociedade, mas que precisam ser compreendidos e regulados. Dominguez (2009) sugere que o processo de subjetivação nas redes, baseada na construção e reconstrução semiótica de si tem o objetivo de transformar o próprio sujeito. No entanto, nossos exemplos sugerem que alguns perfis brasileiros também têm o objetivo de complementar a renda, de modo que “botar o pão na mesa” também é uma prática de subjetivação em um mundo em crise. A discussão sugere que pensar capital e sexualidade como objetos divorciados é inadequado para uma investigação das performances íntimo-espetaculares contemporâneas e suas identidades. No Twitter, a produção identitária que provém do consumo de estímulos linguísticos ganha cara explícita: *cash master/cash slave*. Nenhuma das duas identidades sexuais pode existir sem se apoiar na performance da troca financeira, pois na contemporaneidade sexo e sujeito se mediatizam através de uma prática definida: o consumo. As análises aqui divulgadas se comprometem com uma crítica antineoliberal no que tange a distribuição do direito ao lucro e do direito à capitalização através de práticas discursivo-corporais, sugerindo que, enquanto as performances de sujeitos economicamente inferiores são moralizadas e seu trabalho invisibilizado ou taxado de vagabundagem, a moral econômica e sexual dominante investe em dispositivos ideológicos de manutenção do privilégio econômico. Contudo, em meio à uma ebulição econômica-sexual que deixa ver novos fenômenos sociais como sexualização do proletariado, capitalização do sexo e a manutenção de desigualdades capitais, essa análise

sobre práticas libidinais na economia de plataforma também deixa ver práticas discursivas que desafiam a imposição neoliberal do mercado como modelo de vida, como a inversão hierárquica do valor subjetivo (Master = menos dinheiro; slave = mais dinheiro), o companheirismo econômico ensejado pelas trocas financeiras e a re-imaginação linguística das relações capitais, dos sujeitos e da vida social.

## Referências

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990[1962].

BALTAR, M. Real sex, real lives – excesso, desejo e as promessas do real. Artigo apresentado no *XVII Encontro Socine. A Sobrevivência das Imagens*. Palhoça, Unisul, 2013.

BERLANT, L.; WARNER, M. Sex in Public. In: HALL, D.; JAGOSE, A.; BEBELL, A.; POTTER, S. (Orgs.). **The Routledge Queer Studies Reader**. New York: Routledge, 2013. p. 165-179.

BLOMMAERT, J. SILVA, D. Entrevista com Jan Blommaert: 30 Anos da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB). Canal da ALAB no Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPwxX6fDgh0&t=311s> Acesso em: 31 jan. 2021.

BONFANTE, G. M. A língua deles no meu corpo: o autoetnógrafo como corpo-experienciador da linguagem e do campo. **Revista Veredas: Dossiê Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**, Volume 22. nº 1 pp. 150-167, 2018.

BONFANTE G. M. **A linguagem na pele: afeto como ato de fala perlocucionário**. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Rio de Janeiro, 2020.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Embodied sociolinguistics. In: COUPLAND, Nikolas (Org.), **Sociolinguistics: Theoretical debates**. Cambridge: CUP, pp.173-197, 2016.

DOMINGUEZ, M. Técnicas de subjetivación y interacción virtual en tiempo real. Tienen algo en comum michel foucault y los chats? In: SABADA, I; GORDO, A. (Org.) **Cultura digital y movimientos sociales**. Madri; Catarata, 2008.

DUGGAN, L. The new Homonormativity: the sexual politics of neoliberalism. In: CASTRONOVO, R. & NELSON, D. (Eds.). **Materializing democracy: towards a revitalized cultural politics**. Duke: Duke University Press, 1998.

- EAGLETON, T. **Depois da teoria:** um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- EISENLAUER, V. Facebook as a third author—(Semi-)automated participation framework in Social Network Sites. **Journal of Pragmatics** Vol.72, pp.73-85, 2014.
- ESPINOSA, B. **Ética** Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009[1677].
- FABRICIO, B. F. Mobility and discourse circulation in the contemporary world: the turn of the referential screw. **Revista da Anpoll** n.40, pp.129-140, 2016.
- FELMAN, S. **The Literary Speech Act:** Don Juan with J L. Austin, or Seduction in Two Languages. Ithaca: Cornell University Press, 1983
- HANKS W. F. Indexicality. **Journal of linguistic anthropology**. Vol 9, p.124-126, 1999.
- HARAWAY, D. **Staying with the trouble:** making kin in the Chthulucene. Duke University Press; Durham; Londres, 2016.
- NASCIMENTO, M. B. A mulher negra no mercado de trabalho in: RATTTS, A. (Org.) **Eu sou Atlântica**. Imprensa Oficial, São Paulo, 2016, pp.102-106.
- PEIRCE, C. S. Logic as Semiotic: the theory of signs. In: Buchler, J. (ED.) **Philosophical Writings of Peirce**. New York: Dover Publications, 1955 pp.98-119.
- RACE, K. Towards a pragmatics of sexual media networking devices. **Sexualities** vol 21(8) p.1325-1330, 2018.
- SEGDWICK, E. K. **Touching feelings:** affect, pedagogy, performativity. Duke University Press, London & Durham, 2003.
- SILVERSTEIN, M. Pragmatic Indexing in: MEY, J. L. **Concise Enciclopedia of Pragmatics**, London Elsevier p.756-759, 2009.
- WETHERELL M. Affect and discourse – what’s the problem? From affect as excess to affective/discursive practice. **Subjectivity**, p.349–368, 6(4) 2013.

Recebido em: 01 de novembro de 2021

Aceito em: 15 de abril de 2021

Publicado em abril de 2022

---

Gleiton Matheus Bonfante  
E-mail: [supergleiton@gmail.com](mailto:supergleiton@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6828-508X>

---